



**MARIA ELANNY DAMASCENO SILVA
(ORGANIZADORA)**

PADRÕES AMBIENTAIS EMERGENTES E SUSTENTABILIDADE DOS SISTEMAS 2

Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Maria Elanny Damasceno Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P124 Padrões ambientais emergentes e sustentabilidade dos sistemas 2 / Organizadora Maria Elanny Damasceno Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-547-1

DOI 10.22533/at.ed.471200511

1. Educação ambiental. 2. Padrões ambientais. 3. Emergentes. 4. Sustentabilidade. I. Silva, Maria Elanny Damasceno (Organizadora). II. Título.

CDD 363.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

XERISCAPING EM JARDINS PÚBLICOS DE FORTALEZA

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 04/09/2020

João Luís Cândido Marques

Autarquia de Urbanismo e Paisagismo de
Fortaleza
Prefeitura de Fortaleza
<http://lattes.cnpq.br/6973915045984804>

Daniel Sant'Ana

Grupo de Pesquisa Água & Ambiente
Construído
Universidade de Brasília
<https://orcid.org/0000-0002-9020-081X>

RESUMO: *Xeriscaping* é o processo de paisagismo que elimina, ou reduz significativamente a demanda de água para irrigação de jardins pelo emprego de espécies nativas ou adaptáveis ao clima local. Em Fortaleza/CE, observa-se uma baixa presença de espécies nativas no espaço público, o que implica em uma série de complicações na manutenção de áreas verdes, pois essas espécies necessitam de cuidados expressivos na adaptação ao clima local por irrigação. Com isso, este trabalho teve como objetivo estimar a economia de água gerada pela implementação de técnicas de *xeriscaping* em jardins públicos de Fortaleza. Para tanto, simulamos a substituição das dez espécies exóticas mais utilizadas pela Prefeitura de Fortaleza por espécies nativas e, com isso, estimamos as reduções no consumo de água por espécie substituída e suas economias

financeiras geradas. Resultados indicam que, de 135.955 espécies plantadas em 2019, apenas 3,67% eram nativas da caatinga e, se as dez espécies exóticas mais utilizadas fossem substituídas por espécies nativas, haveria uma redução equivalente a 63.690,36 m³/ano na demanda de água para irrigação suplementar, representando uma economia financeira de R\$ 67.653,96 ao ano para a Prefeitura.

PALAVRAS-CHAVE: *Xeriscaping*, Paisagismo Urbano, Irrigação, Indicadores de consumo de água, Conservação de água.

XERISCAPING IN URBAN PUBLIC GARDENS OF FORTALEZA, BRAZIL

ABSTRACT: *Xeriscaping* is a landscaping process that eliminates, or significantly reduces water demand for garden irrigation by employing native or adaptable species to the local climate. In Fortaleza, Brazil, there is little presence of native species in urban public gardens, which leads to a series of complications regarding maintenance, as these species require a significant amount of water in order to adapt to the local climate. This work aims to estimate water savings by the implementation of *xeriscaping* techniques in urban public gardens in Fortaleza. For this purpose, we simulated the replacement of ten exotic species most used by native species and, with this, we estimated reductions in water consumption and financial savings generated. Results indicate that, out of 135,955 species planted in 2019, only 3.67% were native to local climate and, if the ten most used exotic species were replaced by native species, there would be a reduction equivalent to 63,690.36 m³/yr in water demand, representing a

financial saving equivalent to BRL 67,653.96 (USD 12,786.13) per year.

KEYWORDS: Xeriscaping, Urban landscaping, Irrigation, Water use indicators, Water conservation.

1 | INTRODUÇÃO

A implantação não planejada de espécies vegetais em espaços públicos pode provocar uma série de problemas (como o aumento de pragas, sobrecarga no sistema de drenagem urbana pela queda de folhas, ferimentos por espinhos, danificação de patrimônio pela queda de frutos, toxicidade, etc.) além de gerar gastos com manutenção (adubação, fertilização, poda, controle de pragas e doenças) e irrigação (SILVA e MAGALHÃES, 1993; CORRÊA, 2015). Cidades inseridas em regiões de clima semiárido enfrentam desafios ligados ao planejamento e gestão de áreas verdes. O baixo índice de precipitação e a alta taxa de evapotranspiração associadas a um solo infértil e muitas vezes raso e pedregoso, são as principais adversidades presentes no planejamento da vegetação de cidades do estado do Ceará.

O Ceará é o único estado brasileiro que tem seu território totalmente inserido dentro do bioma da caatinga (MAIA, 2004). A vegetação nativa deste bioma é predominantemente composta por espécies xerófilas de porte arbóreo, arbustivo e herbáceo, com formações de floresta seca e com o predomínio de espécies das famílias *Caesalpinaceae*, *Mimosaceae*, *Euphorbiaceae*, *Fabaceae* e *Cactacea* (GIULIETTI *et al.*, 2003). Historicamente, a vegetação nativa da caatinga foi pouco explorada no paisagismo da região. Percebe-se que em Fortaleza, há uma baixa presença de espécies nativas no espaço público e, até o momento, não existe nenhum planejamento por parte da prefeitura local para implantação de um paisagismo urbano que leve em consideração a inclusão de espécies nativas em jardins ou parques públicos da cidade. Assim, suas condições de sobrevivência inatas ao clima árido e de elevada temperatura, como a alta retenção de água e a baixa taxa de evapotranspiração, permanecem quase que inexploradas no paisagismo urbano sustentável (LACERDA *et al.*, 2011; GONÇALVES e PAIVA, 2004).

A presença massiva de espécies vegetais exóticas no meio urbano é extremamente preocupante do ponto de vista da biodiversidade, pois podem trazer riscos a fauna local por esta muitas vezes não possuir as habilidades necessárias para se utilizar daquela vegetação nos seus processos naturais. Somados aos prejuízos na biodiversidade causados pela utilização em excesso de espécies exóticas, temos também os impactos diretos na qualidade da gestão de cidades. Dados apontam que 90,9% das cidades brasileiras em que há um maior número de espécies exóticas do que nativas, situam-se na caatinga (LACERDA *et al.*, 2011; ESTEVES e CORRÊA, 2018).

Para dar sustentação a espécies exóticas, órgãos de gestão do paisagismo urbano acabam consumindo uma grande quantidade de água quando comparado aos cuidados

demandados por espécies nativas, pois estas possuem características inatas que as fazem capazes de se sobreviver perfeitamente ao seu ambiente originário. No caso de espécies da caatinga, podemos apontar a alta retenção de água, uma reduzida quantidade de folhas, o metabolismo ácido e a presença de uma cutícula espessa como algumas das condições naturais de sobrevivência dessas espécies no seu bioma de origem - qualidades que as fazem resistentes a longos períodos de estiagem.

A água se prova recurso cada vez mais escasso em todo o mundo, sobretudo em estados do nordeste brasileiro como o Ceará, que enfrenta uma crise hídrica severa que deve exigir políticas de restrição no abastecimento hídrico para a população, além de tarifas de contingência na conta d'água. As 12 bacias hidrográficas do Ceará atualmente têm média aproximada de apenas 10% da sua capacidade total preenchida, índices alarmantes que podem ser comparados as grandes secas históricas que assolaram a região no passado. O Castanhão, maior açude da América Latina, responsável pelo abastecimento da capital Fortaleza e de toda sua Região Metropolitana, chegou aos 5,17% do seu volume total em 2016, o menor de sua história (SILVA *et al.*, 2017).

A intensificação dos debates sobre a gestão de recursos hídricos em todo o mundo, somado ao elevado índice de consumo de água na manutenção do paisagismo urbano, principalmente em jardins com maiores quantidades de espécies exóticas, resultou no desenvolvimento da metodologia do *xeriscaping*, concebido originalmente pela Denver Water baseando-se em conceitos simples capaz de eliminar ou reduzir significativamente a demanda de água em irrigação de jardins. O emprego de espécies nativas de baixa demanda de água é um dos principais pilares do *xeriscaping* - termo que vem da combinação da palavra *landscape* - paisagem em inglês, com o prefixo *xero*, derivado do grego *xēros*, que significa seco.

A utilização de espécies nativas no paisagismo urbano pode trazer benefícios não só na construção de um bioma coeso e seguro para o ecossistema local, mas também, promover reduções significativas na demanda de água em irrigação e economias relevantes aos custos de manutenção de jardins públicos para a gestão pública de Fortaleza. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho foi de identificar espécies nativas do bioma da caatinga que possam substituir as principais espécies exóticas utilizadas em jardins públicos de Fortaleza e estimar as economias de água geradas pela eliminação de rega suplementar da vegetação urbana.

2 | PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

As espécies presentes no Horto Municipal Falconete Fialho, órgão responsável pela produção e distribuição de mudas para fins públicos em Fortaleza/CE, foram quantificadas, agrupadas em tabelas por tipo (ornamentais, palmeiras, arbóreas, forrações e hortaliças medicinais) e posteriormente categorizadas por: i) Espécie; ii) Número de variações

presentes no acervo; iii) Origem geográfica; iv) Pertencimento ao bioma da caatinga; e v) Quantidade aproximada de unidades no acervo.

Com o objetivo de simular a contenção de gastos proveniente da implementação das técnicas do *xeriscaping* e do acréscimo no uso de espécies nativas, foram selecionadas as dez espécies mais utilizadas em projetos urbanos de 2019 segundo dados da URBFOR, a Autarquia de Urbanismo e Paisagismo de Fortaleza e a partir de observações diárias destas espécies e de entrevistas com funcionários do Horto Municipal Falconete Fialho, foram traçados os perfis de consumo de água de cada uma delas. Quando no acervo do horto, as espécies foram agrupadas em blocos de cem unidades, por isso os dados coletados referentes ao consumo mensal de água seguiram esta mesma métrica, visando uma maior precisão. A partir destes valores definidos, foi possível calcular o consumo hídrico em reais (R\$) demandado por cada espécie, através dos dados do custo da água urbana de Fortaleza, divulgados pela CAGECE (Companhia de Água e Esgoto do Ceará) em 2020, que estabeleceu o valor do metro cúbico de água em R\$ 4,11. Com isso, através de experiências pregressas do próprio Horto Municipal de Fortaleza juntamente com levantamentos bibliográficos, foram sugeridas vegetações endêmicas com demanda por rega suplementar baixa ou inexistente para substituir as espécies exóticas analisadas, sendo não só capazes de economizar recursos, como também corresponder as principais características e funções das substituídas, calculando também a diferença nas suas demandas por água, gerando assim um valor estimado de economia mensal.

Para efeitos de estudo e simulação, esta simulação levou em consideração apenas o dispêndio de água nas 6.736 unidades das espécies observadas que foram plantadas em 2019, juntamente com os 26.540m² de forrações. O cálculo surgiu através do cruzamento da quantidade de água estimada para a rega suplementar de determinada espécie, com o valor do metro cúbico da água fixada na região, com isso foi possível descobrir os gastos em reais no dispêndio de água das espécies exóticas e compará-los com o gasto em reais na manutenção da rega das espécies nativas, achando assim um valor de economia por unidade. Foram ignorados todos os outros itens que compõe os gastos na manutenção de jardins urbanos e que poderiam também serem mitigados pelo uso da vegetação endêmica, como os valores de mão de obra, ferramentas, poda, transporte, adubo e fortificantes, aumentando ainda mais a disparidade de custos e consequentemente a economia gerada por estas ações.

3 | RESULTADOS

No ano de 2019, a cidade de Fortaleza/CE declarou em seu balanço anual de contas ter gastado R\$ 2.202.500,00 com a manutenção de canteiros e jardins públicos (ALVES *et al.*, 2019). Percebe-se que se com a implementação de uma metodologia sustentável de contenção de gastos como o *xeriscaping* for possível reduzir percentualmente o valor

comprometido com a manutenção de áreas verdes, poderá haver uma grande economia para os cofres públicos, que poderiam redirecionar este montante para outros setores deficitários.

Como podemos observar na Tabela 1, foi constatado a presença de 34 espécies ornamentais dentro do acervo atual do Horto Municipal de Fortaleza, sendo que dessas, 12 tem sua origem geográfica proveniente do território brasileiro e apenas 2 são endêmicas do bioma da caatinga. Espécies ornamentais compõem grande parte dos projetos paisagísticos urbanos, pois podem ser utilizadas para vários fins, como a harmonia estética, delimitação espacial, redução da temperatura local e diminuição da erosão e da evapotranspiração do solo.

Espécie*	Origem	Nº
Abacaxi-Ornamental: <i>Ananas bracteatus</i> (1)	Nativa (Brasil)**	460
Abacaxi-Roxo: <i>Tradescantia spathacea</i> (1)	Nativa (Brasil)**	500
Alamanda: <i>Allamanda catártica</i> (1)	Nativa (Brasil)	250
Begônia: <i>Begonia elatior</i> (1)	Nativa (Brasil)	200
Beijo-de-Frade: <i>Impatiens balsamina</i> (1)	Exótica (Ásia)	400
Porto-Seguro: <i>Aechmea blanchetiana</i> (1)	Nativa (Brasil)	310
Clúsia: <i>Clusia fluminensis</i> (1)	Nativa (Brasil)	440
Coléus: <i>Solenostemon scutellarioides</i> (2)	Exótica (Ásia)	680
Crista-de-Galo: <i>Celosia cristata</i> (1)	Exótica (Ásia)	300
Cróton: <i>Codiaeum variegatum</i> (3)	Exótica (Ásia)	500
Dianela: <i>Dianella tasmanica</i> (2)	Exótica (África)	690
Espada-de-São Jorge: <i>Sansevieria trifasciata</i> (2)	Exótica (África)	150
Estrela-do-Egito: <i>Pentas lanceolata</i> (1)	Exótica (África)	300
Coroa-de-Cristo: <i>Euphorbia milii</i> (1)	Exótica (África)	120
Cara-de-Cavalo: <i>Philodendron Panduriforme</i> (1)	Nativa (Brasil)	240
Alpínia: <i>Alpinia purpurata</i> (1)	Exótica (Ásia)	200
Lutiela: <i>Alternanthera dentata</i> (1)	Nativa (Brasil)	400
Maravilha: <i>Mirabilis jalapa</i> (1)	Nativa (Brasil)	420
Trapoeiraba-Roxa: <i>Tradescantia pallida purpúrea</i> (1)	Exótica (EUA)	380
Ixora: <i>Ixora coccínea</i> (1)	Exótica (Ásia)	300
Orquídea-Violeta: <i>Spathoglottis unguiculata</i> (1)	Exótica (Oceania)	220
Carnaval: <i>Iresine herbstii</i> (1)	Nativa (Brasil)	150
Papoula Oriental: <i>Papaver orientale</i> (1)	Exótica (Ásia)	130
Pingo de Ouro: <i>Duranta erecta aurea</i> (2)	Nativa (Brasil)	360
Pleomele: <i>Dracaena reflexa</i> (1)	Exótica (África)	200
Vinca-Pendente: <i>Vinca major</i> (2)	Exótica (Europa)	750

Tabela 1. Categorização das espécies ornamentais.

* Em parêntesis, o número de variações da espécie

** Espécies endêmicas ao bioma da caatinga

Segundo os conceitos de respeito a natividade da vegetação local presentes na metodologia do *xeriscaping*, sugere-se a diminuição da reprodução destas espécies ornamentais exóticas presentes no horto de Fortaleza, e paralelamente, com a utilização dessas mudas em projetos urbanos, o desenvolvimento da produção de espécies endêmicas da caatinga para que possam ser uma opção mais acessível e recorrente que o uso de espécies estrangeiras ao nosso bioma. Assim, o horto continuaria a ter em seu acervo as espécies exóticas que hoje possui, mas em menor quantidade, podendo atender as funções educacionais, de lazer ecológico e dentre outras desempenhadas pelas espécies do órgão, além de poder também apresentar uso em projetos urbanos, mas em menor recorrência e apenas quando estritamente necessário. Enquanto isso, as espécies nativas seriam produzidas em maior quantidade, e além de fomentar a apropriação pela cultura e bioma local durante sua exposição no acervo do horto, seriam responsáveis por atender a execução de projetos paisagísticos na maioria dos casos. Foram identificadas as seguintes espécies ornamentais endêmicas da caatinga que podem facilmente serem produzidas pelo Horto Municipal Falconete Filho:

- | | |
|--|---|
| - Alecrim-do-Campo
(<i>Baccharis dracunculifolia</i>) | - Facheiro
(<i>Pilosocereus pentaedrophorus</i>) |
| - Barba-de-Bode (<i>Aristida longiseta</i>) | - Ipecacuanha (<i>Ruellia geminiflora</i>) |
| - Barba-de-Velho (<i>Tillandsia usneoides</i>) | - Justicia (<i>Justicia aequilabris</i>) |
| - Bamburral (<i>Hyptis umbrosa</i>) | - Macambira (<i>Bromelia laciniosa</i>) |
| - Beldroega (<i>Portulaca oleracea</i>) | - Marianinha (<i>Commelina erecta</i>) |
| - Bromélia-Amarela (<i>Aechmea aquilega</i>) | - Melãozinho (<i>Momordica charantia</i>) |
| - Bromélia-Estrela
(<i>Orthophytum disjunctum</i>) | - Opuntia (<i>Opuntia cochenillifera</i>) |
| - Capitãozinho (<i>Terminalia triflora</i>) | - Orelha-de-Onça
(<i>Tibouchina heteromalla</i>) |
| - Cará-do-Mato (<i>Dioscorea dodecaneura</i>) | - Tilândsia (<i>Tillandsia loliacea</i>) |
| - Cardo-Santo (<i>Cardus benedictus</i>) | - Vassourinha (<i>Scoparia dulcis</i>) |
| - Crauá (<i>Neoglaziovia variegata</i>) | - Velame (<i>Croton heliotropiifolius</i>) |
| | - Xique-Xique (<i>Pilocereus gounellei</i>) |

As espécies da família *Arecaceae*, popularmente conhecida como palmeiras, podem desempenhar função estética, de delimitação espacial, diminuição da temperatura local, mitigação de ruídos, dentre outros, o que torna o seu uso propício à uma grande variedade de projetos, mas geralmente não se faz necessário o uso de muitas unidades desta tipologia vegetal em uma única localidade. Como apresentado na Tabela 2, das 20 espécies de

palmeiras e suas respectivas variações levantadas como presentes no horto municipal de Fortaleza, apenas 4 são originárias do território brasileiro e dentre elas apenas 2 são endêmicas da caatinga. Devido ao seu uso reduzido em projetos, sua reduzida demanda por regas e nutrientes suplementares, além da baixa presença de espécies da família *Arecaceae* no bioma da caatinga, sugere-se apenas a diminuição da produção de espécies exóticas que demandem maior dispêndio de recursos em detrimento das que precisam de menos cuidados e manutenção. Além disso, sugere-se a implantação de novas palmeiras presentes no bioma local, que podem ser preferencialmente usadas em projetos públicos.

Espécie*	Origem	Nº
Carnaúba: <i>Copernicia prunifera</i> (1)	Nativa (Brasil)**	80
Coqueiro: <i>Cocos nucifera</i> (1)	Nativa (Brasil)**	230
Açaizeiro: <i>Euterpe oleracea</i> (1)	Nativa (Brasil)	50
Cica: <i>Cycas revoluta</i> (1)	Exótica (Ásia)	50
Areca-Bambu: <i>Dypsis lutescens</i> (1)	Exótica (Ásia)	80
Palmeira-de-Salão: <i>Chamaedorea elegans</i> (1)	Exótica (EUA)	540
Dendezeiro: <i>Elaeis guineenses</i> (1)	Exótica (África)	200
Palmeira-Havaí: <i>Palmeira Veitchia</i> (2)	Exótica (Ásia)	470
Palmeira-Imperial: <i>Roystonea oleracea</i> (2)	Nativa (Brasil)	110
Palmeira-Leque: <i>Licuala grandis</i> (3)	Exótica (Oceania)	200
Palmeira-Triangulo: <i>Dypsis decaryi</i> (1)	Exótica (África)	200
Pinanga-de-Coroa: <i>Pinanga Coronata</i> (2)	Exótica (África)	200
Rabo-de-Raposa: <i>Wodyetia bifurcata</i> (1)	Exótica (Oceania)	40
Palmeira-Rápis: <i>Rhapis excelsa</i> (1)	Exótica (Ásia)	50
Ravenala: <i>Ravenala madagascariensis</i> (1)	Exótica (África)	40

Tabela 2. Categorização das espécies de palmeiras.

* Em parêntesis, o número de variações da espécie

** Espécies endêmicas ao bioma da caatinga

Algumas espécies de palmeiras endêmicas da caatinga, que podem facilmente serem produzidas pelo Horto Municipal Falconete Fialho:

- Babaçu (*Attalea speciosa*)
- Camargo (*Syagrus comosa*)
- Coco-Espinho (*Acrocomia aculeata*)
- Coquinho-babão (*Syagrus flexuosa*)
- Licuri (*Syagrus coronata*)
- Jerivá (*Syagrus romanzoffiana*)

Sendo as maiores responsáveis pela mitigação do desconforto causado pelas problemáticas urbanas sobretudo em climas áridos, as espécies arbóreas têm papel fundamental não só na coesão do ecossistema local, como na qualidade de vida nas cidades. Aclimação, sombreamento, redução da erosão e da evapotranspiração do solo e o suporte a fauna local, são algumas das potencialidades que podem ser utilizadas com primazia quando há a escolha correta de espécies nativas para a composição de um projeto urbanísticos e paisagístico. Em contrapartida, uma má escolha e implantação de espécies arbóreas no contexto da urbe moderna pode trazer uma série de problemáticas à gestão pública, como danos ao passeio, comprometimento do sistema de escoamento de água, estrago da pavimentação de vias, dentre outros. Além disso podem acarretar também um nocivo desequilíbrio no ecossistema local, com a repulsão e conseqüentemente exposição de espécies endêmicas.

Espécie*	Origem	Nº
Acácia: <i>Vachellia seyal</i> (1)	Exótica (África)	850
Angico: <i>Anadenanthera colubrina</i> (1)	Nativa (Brasil)**	240
Araputanga: <i>Swietenia macrophylla</i> (1)	Nativa (Brasil)	150
Cajueiro: <i>Anacardium occidentale</i> (1)	Nativa (Brasil)**	100
Cajazeira: <i>Spondias mombin</i> (1)	Nativa (Brasil)**	80
Caraíba: <i>Cordia calocephala</i> (1)	Nativa (Brasil)	160
Cedro: <i>Cedrela fissilis</i> (1)	Nativa (Brasil)**	220
Copaíba: <i>Copaifera langsdorffii</i> (1)	Nativa (Brasil)**	310
Cumarú: <i>Dipteryx odorata</i> (1)	Nativa (Brasil)	150
Cambuí: <i>Myrciaria tenella</i> (1)	Nativa (Brasil)	90
Cipreste: <i>Cupressus macrocarpa</i> (1)	Exótica (EUA)	170
Flamboyant: <i>Delonix regia</i> (1)	Exótica (África)	660
Figueira-do-Brejo: <i>Ficus insipida</i> (1)	Exótica (Ásia)	380
Freijó: <i>Cordia goeldiana</i> (1)	Nativa (Brasil)	110
Goiabeira: <i>Psidium guajava</i> (1)	Nativa (Brasil)	90
Guariúba: <i>Clarisia racemosa</i> (1)	Nativa (Brasil)	130
Ingazeira: <i>Inga edulis</i> (1)	Nativa (Brasil)**	100
Ipê-Amarelo: <i>Handroanthus caraiba</i> (1)	Nativa (Brasil)**	750
Ipê-Rosa: <i>Handroanthus avellanedae</i> (1)	Nativa (Brasil)**	330
Ipê-Roxo: <i>Handroanthus heptaphyllus</i> (1)	Nativa (Brasil)**	400
Jambo: <i>Syzygium malaccense</i> (1)	Exótica (Ásia)	90
Jasmim-Branco: <i>Plumeria pudica</i> (1)	Exótica (Central)	800
Jasmim-Manga: <i>Plumeria rubra</i> (1)	Exótica (Central)	760
Jenipapo: <i>Genipa americana</i> (1)	Nativa (Brasil)	90
Jacarandá: <i>Jacaranda ovalifolium</i> (1)	Nativa (Brasil)	50
Jacarandá: <i>Jacaranda mimosifolia</i> (1)	Nativa (Brasil)**	40
Jatobá: <i>Hymenaea courbaril</i> (1)	Nativa (Brasil)**	100
João Mole: <i>Guapira graciliflora</i> (1)	Nativa (Brasil)	200
Jucá: <i>Caesalpinia leiostachya</i> (1)	Nativa (Brasil)**	340
Mungubeira: <i>Pachira aquatica</i> (1)	Nativa (Brasil)**	450
Mini-Flamboyant: <i>Caesalpinia pulcherrima</i> (1)	Exótica (África)	450
Mangueira: <i>Mangifera indica</i> (1)	Exótica (Ásia)	200
Mutamba: <i>Guazuma ulmifolia</i> (1)	Nativa (Brasil)**	90
Pitombeira: <i>Talisia esculenta</i> (1)	Nativa (Brasil)**	150
Pau-Branco: <i>Auxemma onocalyx</i> (1)	Nativa (Brasil)**	300

Pau D'arco: <i>Tabebuia serratifolia</i> (1)	Nativa (Brasil)**	330
Pata-de-Vaca: <i>Bauhinia forficata</i> (1)	Nativa (Brasil)**	490
Pau-Brasil: <i>Paubrasilia echinata</i> (1)	Nativa (Brasil)	220
Sibipiruna: <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (1)	Nativa (Brasil)	410
Tamarineira: <i>Tamarindus indica</i> (1)	Exótica (África)	150
Timbaúva: <i>Enterolobium contortisiliquum</i> (1)	Nativa (Brasil)**	150
Oiti: <i>Licania tomentosa</i> (1)	Nativa (Brasil)**	210
Abricó de Macaco: <i>Couroupita guianensis</i> (1)	Nativa (Brasil)	160

Tabela 3. Categorização das espécies arbóreas.

* Em parêntesis, o número de variações da espécie

** Espécies endêmicas ao bioma da caatinga

Na Tabela 3, podemos observar que, dentre as árvores no acervo do horto de Fortaleza, foi constatado a presença de 43 espécies distintas, sendo que dessas, 33 são provenientes do território brasileiro, mas apenas 20 são endêmicas do bioma da caatinga. Espécies arbóreas geralmente são usadas em grande quantidade e variedade, principalmente em projetos de parques urbanos e praças devido a sua função de trazer amenidade ao local através da aclimação e do sombreamento, por isso deve-se haver um catálogo vasto de espécies arbóreas nativas em órgãos responsáveis pelo paisagismo de cidades. Sendo assim, propõe-se a diminuição da produção de espécies exóticas ao bioma da caatinga pelo horto de Fortaleza, e o aumento da produção das espécies nativas já inclusas no catálogo do órgão, além da produção de novas espécies endêmicas da região seguindo a metodologia do *xeriscaping*, ou seja, dando preferência aquelas que possam cumprir suas funções na resolução de patologias urbanas sem demandar o dispêndio excessivo de recursos básicos como a água.

Algumas espécies arbóreas endêmicas da caatinga, que podem facilmente serem produzidas pelo Horto Municipal Falconete Fialho:

- Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*)
- Bom nome (*Monteverdia rigida*)
- Canafístula (*Peltophorum dubium*)
 - Calumbi (*Mimosa tenuiflora*)
 - Craibeira (*Tabebuia aurea*)
- Favela (*Cnidocolus quercifolius*)
 - Juazeiro (*Ziziphus joazeiro*)
 - Madeira nova (*Pterogyne nitens*)
- Maniçoba (*Manihot carthagenensis*)
 - Marmeleiro (*Cydonia oblonga*)
- Monzê (*Albizia polycephala*)
- Mulungu (*Erythrina mulungu*)
 - Oiticica (*Licania rigida*)
- Pereiro (*Aspidosperma pyriformis*)
- Quixaba (*Sideroxylon Obtusifolium*)
- Sete-Cascas (*Samanea tubulosa*)
 - Sombreiro (*Clitoria racemosa*)
- Sucupira (*Pterodon Emarginatus*)
 - Trapiá (*Crateva tapia*)
 - Urucum (*Bixa orellana*)

Espécies forrageiras em geral tem como característica a alta demanda por água e nutrientes provenientes do solo, por isso há uma baixa variedade de gramíneas de maior volume no bioma da caatinga. Principais responsáveis pela mitigação da erosão e

evapotranspiração do solo, estas espécies encontram pouco espaço na matriz cristalina que permeia grande parte do solo do semiárido brasileiro, por este ser bastante pedregoso. Como pode-se observar na Tabela 4, o horto de fortaleza, possui em seu acervo apenas o capim-de-burro, espécie nativa que é reutilizada pelo órgão através das sobras do serviço de rosso feito pela equipe de limpeza urbana da capital. As demais duas espécies que completam o acervo de forrageiras do órgão, são adquiridas em mercado mediante a necessidade de implantação em algum projeto.

Espécie*	Origem	Nº
Capim-de-Burro: <i>Cynodon dactylon</i> (1)	Nativa (Brasil)**	20.000 m ²
Capim-Mombaça: <i>Panicum maximum</i> (1)	Exótica (África)	8.000 m ²
Gramma-de-Santo-Agostinho: <i>Stenotaphrum secundatum</i> (1)	Nativa (Brasil)	Mercado
Gramma-Esmeralda: <i>Zoysia japônica</i> (1)	Exótica (Ásia)	Mercado

Tabela 4. Categorização das espécies forrageiras.

* Em parêntesis, o número de variações da espécie

** Espécies endêmicas ao bioma da caatinga

Espécies forrageiras em geral tem como característica a alta demanda por água e nutrientes provenientes do solo, por isso há uma baixa variedade de gramíneas de maior volume no bioma da caatinga. Principais responsáveis pela mitigação da erosão e evapotranspiração do solo, estas espécies encontram pouco espaço na matriz cristalina que permeia grande parte do solo do semiárido brasileiro, por este ser bastante pedregoso. Como pode-se observar na Tabela 4, o horto de fortaleza, possui em seu acervo apenas o capim-de-burro, espécie nativa que é reutilizada pelo órgão através das sobras do serviço de rosso feito pela equipe de limpeza urbana da capital. As demais duas espécies que completam o acervo de forrageiras do órgão, são adquiridas em mercado mediante a necessidade de implantação em algum projeto.

Duas das sete práticas consideradas pilares no *xeriscaping*, envolvem a utilização de forrageiras. A primeira aconselha o uso de espécies de forração apenas quando estritamente necessário, já a outra sugere uma alternativa, o uso do *mulch*, ou seja, algum material natural, mas não vivo, que possa cobrir o solo de determinada área com o objetivo de evitar a erosão e a evapotranspiração do solo sem precisar ser constantemente regado, nutrido ou aparado. Sabendo que o Horto Municipal Falconete Fialho produziu um montante de 20 toneladas de substrato para adubo e que grande parte desse volume é proveniente do material resultante das podas de árvores em espaço público, sugere-se a utilização de parte destas sobras de poda para a produção de *mulchs* compostos de restos de madeira e

folhas secas. Como grande parte do adubo produzido pelo horto em 2019 não foi utilizado no suporte a vegetação pública devido a falta de demanda, o que segundo a prestação de contas anual da Prefeitura de Fortaleza, gerou um excedente que fora doado a instituições privadas, temos aqui o argumento que corrobora a produção desta cobertura morta sem nenhum ônus aos demais processos fundamentais da manutenção pública.

Como apontado na Tabela 5, observamos que o valor estimado de economia apenas com a rega suplementar das forrações e das 6.736 unidades vegetais pertencentes as 10 espécies observadas neste estudo, chega a um montante mensal de R\$.5.637,83 que representa uma economia anual de R\$ 67.653,96, sendo que 86,52% deste valor (R\$ 58.534,20) seria evitado apenas com a substituição das espécies forrageiras que, apesar de terem sido utilizadas no ano de 2019 pela Prefeitura de Fortaleza em quantidades maiores que de outras analisadas, tiveram o resultado do cálculo dos seus valores unitários de demanda por água muito superiores as espécies de outras tipologias, podendo assim serem identificadas como os itens de maior consumo de recursos públicos na manutenção de jardins urbanos dentre os demais apontados neste estudo. Em outras palavras, a simples substituição das espécies exóticas por espécies nativas, geraria uma redução equivalente a 5.307,53 m³ de água ao ano.

Dados do Portal da Transparência da Prefeitura de Fortaleza, apontam um total 135.955 espécies plantadas na capital em 2019, sendo que dessas apenas 3,67% eram endêmicas da caatinga. Estes números expressivos encontrados na análise de apenas 6.736 espécies (que corresponde a apenas 4,95% da vegetação plantada em 2019), nos faz refletir sobre a quantidade de consumo de água e dinheiro público que poderiam ter sido evitados se ações voltadas à economia de recursos, somadas com a valorização e produção de espécies nativas tivessem sido priorizadas no planejamento de áreas verdes e jardins públicos de Fortaleza em anos antecedentes.

Tipo	Espécie Exótica	Consumo em 100 unidades	Gastos com Água	Unidades Plantadas	Espécie Endêmica	Consumo Reduzido (Fonte)	Economia Mensal
Arbórea	<i>Acácia Vachellia seyal</i>	2.485 litros/mês*	R\$ 10,21	841 un.	Marmeleiro <i>Cydonia oblonga</i>	Não necessita de rega (MAIA, 2014)	R\$ 84,10
Forração	<i>Capim-de-Burro Cynodon dactylon</i>	74 litros/mês/m ²	R\$ 30,57	~8400m ²	Mulch de cascas secas	Cobertura Morta (WILSON e FEUCHT, 2007)	R\$ 2.520,00
Ornamental	<i>Coléu Solenostemon scutellarioides</i>	2.860 litros/mês	R\$ 11,75	395 un.	Macambira <i>Bromelia laciniosa</i>	Não necessita de rega (GIULIETTI et al., 2003)	R\$ 47,40
Ornamental	<i>Dianela Dianella tasmanica</i>	2.100 litros/mês	R\$ 6,63	1.120 un.	Bromélia-Amarela <i>Aechmea aquilega</i>	600 litros/mês* (DE OLIVEIRA et al., 2015)	R\$ 67,20

Arbórea	<i>Flamboyant</i> <i>Delonix regia</i>	3.700 litros/mês*	R\$ 15,20	633 un.	Mulungu <i>Erythrina</i> mulungu	1.100 litros/mês* (Horto Municipal)	R\$ 72,93
Forração	<i>Grama-Esmeralda</i> <i>Zoysia japonica</i>	25 litros/mês/m ²	R\$ 127,40	~18.140m ²	Mulch de folhas secas e pedras	Cobertura Morta (WILSON. e FEUCHT, 2007)	R\$ 2358,20
Arbórea	<i>Jasmim Branco</i> <i>Plumeria pudica</i>	2.720 litros/mês	R\$ 11,17	804 un.	Madeira-Nova <i>Pterogyne nitens</i>	770 litros/mês* (GIULIETTI et al., 2003)	R\$ 64,32
Arbórea	<i>Jasmim-Manga</i> <i>Plumeria rubra</i>	3.960 litros/mês*	R\$ 16,27	192 un.	Pacotê <i>Perium</i> vitifolium	1.050 litros/mês* (Horto Municipal)	R\$ 23,04
Arbórea	<i>Figueira-do-Brejo</i> <i>Ficus insipida</i>	2.100 litros/mês*	R\$ 8,63	200 un.	Catingueira <i>Cenostigma</i> <i>pyramidale</i>	Não necessita de rega (MAIA, 2014)	R\$ 18,00
Ornamental	<i>Vinca-Pendente</i> <i>Vinca major</i>	3.650 litros/mês	R\$ 15,00	2.551 un.	Ipecacuanha <i>Ruellia</i> geminiflora	Não necessita de rega (DE OLIVEIRA et al., 2015)	R\$ 382,64

Tabela 5. Análise do consumo de água substituindo as dez espécies exóticas mais plantadas por espécies nativas (valores de 2019).

* Demanda de água até pleno porte

4 | CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo estimar as economias geradas por uma possível implementação das técnicas do *xeriscaping* e da valorização da flora endêmica na manutenção de jardins públicos de Fortaleza, sobretudo na redução do consumo hídrico na rega suplementar da vegetação urbana, pois além de ser um recurso oneroso as cofres públicos, a escassez da água é o pivô mais recorrente nas crises ambientais históricas do Ceará. Os dados encontrados corroboram que a metodologia sugerida além de mais sustentável, poderia sanar problemáticas ligadas a vigente gestão de recursos e áreas verdes da capital, que atualmente podem estar não só trazendo encargos desnecessários as contas do estado, como também prejudicando diretamente o ecossistema local e a qualidade de vida dos cidadãos.

A percepção negativa da vegetação local, advinda principalmente do período colonial do Brasil, ainda se faz muito presente no paisagismo de Fortaleza/CE. O horto municipal da cidade, entidade máxima na produção e preservação de espécies vegetais, tem 67% do seu acervo composto por espécies exóticas ao bioma da caatinga, índice que fica evidenciado não só pelos impactos diretos ao ecossistema e à qualidade de vida local, mas também no excesso de gastos públicos na manutenção de áreas verdes. A caatinga é a única floresta exclusivamente brasileira e possui mais de 1500 espécies vegetais endêmicas reconhecidas, o fato de apenas 39 destas estarem representadas no horto municipal de uma das maiores capitais dentre as inseridas neste bioma, por si só já evidencia a sua depreciação.

Os resultados deste trabalho se aplicam exclusivamente para Fortaleza/CE e a replicabilidade do método utilizado em outro período de tempo ou localidade vai depender das características inatas dos biomas presentes na área de estudo, do custo das atividades de manutenção urbana local e das técnicas de reprodução e plantio utilizadas pelo órgão de gerenciamento urbano da região.

Apesar de sua limitação regional, este estudo apresenta indicadores de consumo de água em irrigação por espécie exótica, o potencial de redução do consumo de água pela sua substituição por espécies nativas, e as economias financeiras geradas pela aplicação do *xeriscaping* em jardins públicos.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, R. S. Revegetação. In: **Reabilita**: reabilitação ambiental sustentável arquitetônica e urbanística. 2ª Ed. Brasília: ETB-UnB, 2015. p.210 - 252.

DE OLIVEIRA, Diogo G.; PRATA, Ana P.; FERREIRA, Robério. **Herbáceas da caatinga: Composição florística, fitossociologia e estratégias de sobrevivência em uma comunidade vegetal**. Revista Brasileira de Ciências Agrárias. Recife, 2019.

ESTEVES, M. C.; CORRÊA, R. S. Natividade da flora usada na arborização de cidades brasileiras. **Paranoá**, n. 22, 159-171, 2018.

GIULIETTI, A. M. *et al.* **Diagnóstico da vegetação nativa do bioma caatinga**. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.

GONÇALVES, W.; PAIVA, H. N. **Árvores para o ambiente urbano**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2004. 242 p.

LACERDA, R. M.; FILHO, J. A.; SANTOS, V. Indicação de espécies de porte arbóreo para a arborização urbana no semi-árido paraibano. **Revista da Soc. Bras. de Arborização Urbana**. v. 6, n. 1, p.51-68, 2011.

MAIA, G. **Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades**. Editora Leitura e Arte. São Paulo, 2004. 413p.

SILVA, A.; PINTO, A. M.; TORRES, G. Paisagismo *xeriscape* em campi universitários: contribuições para gestão ambiental da água. **Revista Encontros Universitário da UFC**, v. 2, n. 1, 2017.

WILSON, C.; FEUCHT, J.R. **Xeriscaping: creative landscaping**. Colorado State University. Colorado, 2007.